

TETTAMANZY, Lúcia Liberato; BRITO, Áustria Rodrigues; DA COSTA, Lucivaldo Silva. (Orgs.). *Vitalizações das línguas e criações indígenas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

## TECENDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESDE A ESCOLA E O TERRITÓRIO: RESENHA DE *VITALIZAÇÕES DAS LÍNGUAS E CRIAÇÕES INDÍGENAS* (2024)

Miguel Angulo-Giraldo<sup>1</sup>

### **1 Introdução**

No livro *Vitalizações das línguas e criações indígenas* (2024), organizado por Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Áustria Rodrigues Brito e Lucivaldo Silva da Costa, as 291 páginas que compõem a obra estão divididas em duas partes principais. A primeira parte reúne quatro capítulos, enquanto a segunda é composta por cinco capítulos.

Na obra, apresenta-se uma proposta inovadora que articula teoria crítica e pensamento deslocado em relação à práxis educativa e social nos contextos da educação e formação, tanto indígena quanto não indígena. Nesse sentido, destaca-se a presença histórica dos diversos povos originários que habitaram o território brasileiro muito antes da formação do Estado-nação. Essas populações, ao longo dos séculos XIX e XX, articularam resistências à consolidação do projeto de Estado, cujas raízes materiais remontam ao século XV.

O projeto moderno, intrinsecamente ligado ao sistema colonial, institui-se como um processo que cria e legitima estruturas e instituições voltadas à sustentação de um racismo epistêmico. Esse aparato ideológico marginaliza e silencia saberes alternativos e vozes críticas, desafiando a hegemonia de projetos imperiais, coloniais e patriarcais que prevaleceram no sistema-mundo. A construção colonial opera, assim, por meio do epistemicídio – a desqualificação epistêmica do “outro” –, promovendo uma narrativa universal e totalizadora que anula a multiplicidade de conhecimentos resistentes às lógicas coloniais (Grosfoguel, 2016; Quijano, 2015).

---

<sup>1</sup> Doutorando do PPG Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e-mail: [angulo.runa@gmail.com](mailto:angulo.runa@gmail.com); ORCID: 0000-0002-5350-9228.

*Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.143963

Diante desse cenário, *Vitalizações das línguas e criações indígenas* (2024) propõe uma abordagem decolonial e intercultural, capaz de reconstruir o tecido social a partir de dois espaços fundamentais: as escolas e os territórios indígenas. Esses espaços são concebidos como “cadernos em construção”, onde experiências vivas se transformam em propostas pedagógicas e epistemológicas que rompem com paradigmas coloniais, reescrevendo-se com novas cores e sensibilidades.

Nesse contexto, a interculturalidade vai além do simples reconhecimento da alteridade. Trata-se de uma atividade crítica e transformadora, voltada a desafiar o conhecimento hegemônico e a questionar as relações de poder que o sustentam. Assim, o projeto político da interculturalidade configura-se como uma proposta de transformação epistêmica, promovendo a valorização de saberes, cosmovisões e práticas marginalizadas pelo pensamento eurocêntrico, procurando instaurar um diálogo horizontal, reconhecendo a diversidade de formas de conhecimento e as lógicas de existência de povos historicamente subalternizados. Dessa maneira, ela não é apenas uma prática educativa ou social, mas também uma estratégia política que visa reorganizar as relações de poder, contestando hierarquias epistêmicas e fomentando uma convivência verdadeiramente plural (Walsh, 2009).

## **2 Parte 1**

“Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, os nossos territórios são invadidos [...] Dizem que o Brasil foi descoberto. O Brasil não foi descoberto não, [...] o Brasil foi invadido e tomado dos indígenas do Brasil. Essa é a verdadeira história que realmente precisa ser contada”.

(Marçal Tupã'i, líder Guarani-Nhandeva, no discurso feito ao Papa João Paulo II, por ocasião de sua visita ao Brasil, em 1980).

Em uma primeira seção da obra em análise, dedicada à temática da educação indígena, destacam-se quatro capítulos. O primeiro deles, intitulado “Pensamentos Expandidos e Levante do Silenciado: Percursos a partir de Criações e Re-Existências Indígenas”, de autoria de Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, concentra-se em diversas experiências indígenas que incitam a uma reflexão sobre os rumos do Brasil. Nesse sentido, o texto apresenta o contexto histórico das lutas travadas pelos povos indígenas contra a opressão, bem como sua persistente busca por reconhecimento e garantia de direitos no cenário brasileiro.

Como explica Tettamanzy (2024) nesse capítulo, a supressão e apropriação das culturas

*Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.143963

indígenas, motivadas por diversas intenções políticas e culturais do estado-nação, configuram um fenômeno histórico complexo. A exuberante diversidade das florestas e a fertilidade dos solos brasileiros não representam um evento fortuito em um suposto Éden, mas, ao contrário, são o produto de saberes e práticas ancestrais legados pelos povos nativos, conforme elucida a geógrafa e escritora Márcia Kambeba. Outro exemplo eloquente do apagamento das heranças indígenas, sobretudo nos estados da região Sul do Brasil, refere-se ao hábito do consumo de chimarrão, bebida tradicional à base de erva-mate, cuja origem e significado frequentemente são desassociados de suas raízes indígenas.

Tettamanzy (2024) retoma o texto “Cinco ideias equivocadas sobre os índios”, do linguista José Ribamar Bessa Freire (2002), no qual sintetizou os equívocos e estereótipos presentes na sociedade brasileira a respeito dos povos originários. Um dos pontos centrais abordados reside na concepção de um sujeito brasileiro homogêneo, que tende a desconsiderar a contribuição indígena na formação de sua identidade. Essa postura decorre da inclinação a se identificar com o “vencedor”, resultando na obliteração das contribuições dos povos considerados “vencidos”, notadamente os indígenas e os negros, aos quais é negada a participação na construção da nacionalidade.

Diante desse contexto, Tettamanzy (2024) convoca leitores, educadores e intelectuais a uma intervenção de suma importância, a ser iniciada desde os primeiros anos da educação básica. Nesse sentido, são apresentadas algumas diretrizes, incluindo sugestões de temas, materiais didáticos e roteiros para debates em sala de aula, incluído arte, poesia, documentais, música e mais, visando a uma abordagem mais abrangente e fidedigna da história e cultura indígenas.

O segundo capítulo, intitulado “Decolonialidade Indígena e suas Aplicações Pedagógicas”, de autoria de Amanda Benedett e Marcos Lampert Varnieri, apresenta intelectuais decoloniais com o objetivo de auxiliar os docentes em suas práticas pedagógicas. Para tanto, são abordados aspectos gerais da vida em sociedade e da história do Brasil. Diante disso, o capítulo propõe o estabelecimento de um diálogo com estudiosos do pensamento decolonial, bem como com artistas e pensadores indígenas oriundos de diversos territórios do Brasil, buscando assim enriquecer o debate e fornecer perspectivas para uma educação mais crítica e engajada com as questões indígenas.

Como explicam Benedett e Lampert (2024), a resistência indígena à invasão colonial configura uma constante na trajetória dos mais diversos povos originários da América Latina. As estratégias de enfrentamento adotadas foram multifacetadas: algumas comunidades

confrontaram diretamente os invasores, enquanto outras buscaram refúgio em locais seguros, a fim de preservar seus modos de vida. Nesse sentido, vai sendo construída uma “consciência pan-indígena”, emergida em assembleias de lideranças já na década de 1970, demonstrando uma articulação política precoce e abrangente.

No contexto contemporâneo, a decolonialidade indígena manifesta-se por meio da expressão artística. A produção audiovisual indígena experimentou um crescimento significativo. No âmbito musical, destacam-se tanto os cantos tradicionais de cada povo quanto a produção de música contemporânea, com ênfase no rap, cujas letras veiculam contestações políticas e sociais. Nas artes plásticas, observa-se o reconhecimento crescente de artistas indígenas por instituições renomadas internacionalmente, atestando a qualidade e a relevância de suas produções.

Benedett e Lampert (2024) pedem aos educadores e pesquisadores que valorizem esse vasto universo de saberes, que, paradoxalmente, embora geograficamente próximo aos brasileiros, permanece distante do entendimento e das subjetividades contemporâneas. As reflexões elaboradas pelos intelectuais indígenas dos diversos lugares do Brasil, fundamentadas nos conhecimentos transmitidos por seus anciãos e ancestrais, congregam dimensões do saber e do viver que se encontram apartadas na forma de ser dos não indígenas, representando um importante contraponto epistemológico e ontológico.

O terceiro capítulo, com título “As regras do jogo servem para todos? Epistemologias indígenas na busca de uma formação decolonial para alunos da Educação Básica”, de autoria de Diego Bonatti e Nidiane Saldanha Perdomo, analisa a necessidade de uma educação decolonial no contexto da educação básica e propõe um exercício educativo prático através dum jogo de tabuleiro.

Os autores promovem uma discussão acerca da persistência da colonialidade e da relevância de uma formação educacional com bases decoloniais para os jovens. Nesse sentido, abordam a importância da incorporação de novos saberes e de novas formas de interação com os sujeitos que compõem as escolas brasileiras, enfatizando uma educação que valorize o conhecimento do outro, bem como a diversidade cultural e as origens dos diferentes grupos.

A concepção de uma educação múltipla e diversa é apresentada como um caminho para o ensino do respeito e da compreensão da pluralidade de culturas e modos de vida existentes no mundo. Apresentar aos estudantes o pensamento, os saberes e as filosofias dos povos indígenas configura uma tarefa complexa, porém instigante e necessária.

Bonatti e Perdomo propõem um exercício educativo criativo e inovador, denominado

“Pindorama”, concebido como “uma homenagem às populações originárias do que hoje chamamos Brasil. Seu significado é ‘terra das palmeiras’; era a palavra usada pelos nativos para nomear este lugar” (p. 85). Este jogo, resultante de uma abordagem decolonial, busca proporcionar aos alunos a compreensão e a interação com o material estudado em conjunto com o professor. Assim, por meio da linguagem lúdica, o aluno pode interagir com seus pares e construir seu próprio conhecimento, configurando essa troca entre os participantes como uma poderosa ferramenta pedagógica. Os conceitos são empregados com o intuito de auxiliar o grupo a identificar semelhanças e diferenças entre a realidade dos alunos e a dos povos originários em estudo, comparando seus objetivos de vida e as aproximações e distanciamentos entre suas respectivas noções de bem viver.

O quarto capítulo, intitulado “Gênero e Colonialidade nas Práticas Artísticas de Mulheres Indígenas”, de autoria de Paloma de Melo Henrique e Cássia Josiele da Silva, reflete sobre a relevância do trabalho pedagógico com materiais produzidos por autoras indígenas, cujas obras se distanciam do pensamento e do modo de vida ocidental e colonial.

Na literatura de autoria indígena contemporânea, como explicam as autoras, além da representação verossímil da cultura de cada povo, a denúncia das variadas formas de opressão colonial manifesta-se por meio de narrativas pessoais e coletivas. Para esses povos, a literatura constitui-se como forma de reivindicar sua existência e resistência. Tais produções literárias distinguem-se pela multimodalidade, abrangendo a escrita alfabética, representações visuais (desenhos, pinturas, grafismos e fotografias), a herança da oralidade e os conhecimentos transmitidos pelas histórias ancestrais, reveladoras de diferentes cosmovisões.

Esta literatura é relevante também por sua presença nas escolas, principalmente a partir de 2008, com a promulgação da Lei n. 11.645, que incluiu a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar. Esse contexto implicou que muitos escritores indígenas busquem formas de dar visibilidade às suas obras por meio de projetos voltados à literatura indígena contemporânea.

No que concerne à produção literária de mulheres indígenas, Henrique e da Silva (2024) ressaltam a disponibilidade de mais de uma dezena de obras acessíveis ao público não indígena, com destaque para autoras como Eliane Potiguara, Graça Graúna, Sulami Katy, Márcia Wayna Kambeba, Shirley Krenak e Aline Rochedo Pachamama, entre outras. O capítulo também aborda as expressões artísticas de mulheres indígenas como Arissana Pataxó, da Bahia; Carmézia Emiliano, de Roraima; e Daiara Tukano, de São Paulo, ampliando o escopo da análise para além da escrita e abrangendo outras manifestações artísticas.

### 3 Parte 2

“A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória da nossa memória coletiva. Daí o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar do nosso grupo”  
(Antunes, 2009, p. 23).

O capítulo quinto intitulado “Educação indígena, educação escolar indígena e diálogos entre saberes”, de Lucivaldo Silva da Costa e Deuzimar Tarracanã Karajá, aproxima-se ao território do povo indígena Ḳyikatêjê, especificamente o que vive na aldeia Kôjakati, localizada no km 06 da BR 222 (Pará).

Para este coletivo, o território constitui a base de sua existência física, cultural e simbólica, sendo imprescindível para a preservação de suas tradições e atividades etnolinguísticas. A relação intrínseca com a natureza reflete-se na utilização de fauna, flora, rios e relevos para a confecção de artefatos, preparo de alimentos e realização de rituais, como a tora e a pintura corporal. Além disso, o território é delimitado por pontos estratégicos que sustentam sua dinâmica sociocultural, como locais de caça, pesca, coleta de castanhas, cipós, raízes medicinais e jenipapos. Como refletem da Costa e Karajá (2024), a preservação desses espaços, profundamente integrados à cultura Ḳyikatêjê, é essencial para reforçar sua identidade coletiva e garantir a continuidade de práticas ancestrais e rituais tradicionais.

O capítulo sexto, intitulado “Educação escolar Xikrin: em busca do ensino bilíngue, intra e intercultural e específico”, de Lucivaldo Silva da Costa e Edite Smikidi da Mata de Brito, analisa o currículo escolar indígena da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Bep-Karoti Xikrin, localizada na aldeia Cateté, no Pará.

Os autores propõem caminhos para a construção de um currículo intercultural, bilíngue e interdisciplinar, com protagonismo e participação ativa do povo Xikrin, como estratégia para a decolonização do ensino tradicionalmente imposto. Tal ensino, marcado por perspectivas assimilacionistas e integracionistas, frequentemente desconsidera e invisibiliza os saberes e práticas do povo Xikrin.

Da Costa e de Brito destacam, ainda, a importância do currículo na formação de professores indígenas e não indígenas, bem como na produção de materiais didáticos voltados à leitura, oralidade e escrita na língua xikrin, contribuindo para a autonomia e autodeterminação

*Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.143963

do povo Xikrin do Cateté.

O capítulo sétimo, intitulado “O estudo de percepções e crenças linguísticas do aluno indígena acerca da relevância da língua portuguesa na Aldeia Kôjakati”, de Lucivaldo da Silva Costa e Silvia Adrianly Almeida Barreto, apresenta uma pesquisa de campo realizada com estudantes do Ensino Médio da comunidade indígena Kôjakati utilizando um questionário composto por onze perguntas.

Os autores identificam que, embora os alunos demonstrem preocupação com a preservação de seus modos de vida tradicionais, também percebem o domínio da língua portuguesa como uma ferramenta essencial para sua ascensão e inclusão social, valorizando as competências de leitura, escrita e oralidade. O estudo conclui que há uma tensão entre as crenças e atitudes dos estudantes, marcada por contradições que refletem influências emocionais e afetivas, conforme discutido no referencial teórico do capítulo.

O capítulo oitavo, intitulado “Construção de material didático no contexto indígena por meio das narrativas orais: um estudo sobre memórias e identidades”, de Áustria Rodrigues Brito e Simone Pereira Lima Scherrer, aborda as memórias da comunidade Gavião Kÿikatêjê a partir das narrativas orais transmitidas pelos anciãos.

A partir desse acervo oral, foram desenvolvidos materiais educativos para a escola da comunidade, incluindo um livreto intitulado *A Origem do Fogo*. Esse material promove a preservação e a disseminação das histórias que compõem a cultura Gavião, além de possibilitar novos diálogos e interações pedagógicas alinhadas ao contexto sociocultural dos estudantes, contribuindo para a valorização das tradições e para o fortalecimento da identidade coletiva.

No último capítulo, intitulado “Memórias e identidades: análise do livro MÊ Ikwÿ Tekjê Ri – Isto Pertence Ao Meu Povo”, de Toprãmre Krôhokrenhũm, é revisitada a narração oral do autor, que rememora os tempos em que o povo Gavião estava sob tutela do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). A obra, publicada em 2011, registra depoimentos sobre o contato do povo Gavião com os kupẽ, revelando relatos de indígenas que sobreviveram a momentos críticos de luta e sofrimento, juntamente com Toprãmre Krôhokrenhũm, conhecido como o Capitão. Os oito depoimentos presentes no livro, carregados de tristeza e dor, podem ser compreendidos como testemunhos de períodos de violência e resistência.

As palavras do líder Krôhokrenhũm, reverenciado como o maior cacique do povo Gavião, continuam ecoando nas gerações atuais. Suas ações decisivas para libertar seu povo do domínio do SPI, o sacrifício ao confiar sua irmã aos cuidados de um kupẽ para salvá-la, e sua

habilidade única de negociar em prol de sua comunidade, mesmo diante de desafios econômicos e empreendimentos externos, consagraram-no como um herói.

4 Comentários finais

Em síntese, a obra aborda as histórias da escola e da comunidade a partir dos territórios tanto materiais como vivos, das experiências corporificadas pelos sujeitos indígenas e suas comunidades. O livro reafirma a centralidade das oralidades na preservação e transmissão das tradições culturais dos coletivos indígenas, destacando que a produção de materiais didáticos para as escolas se configura como um elemento essencial para a construção de novos significados na história contemporânea.

Ademais, os relatos apresentados conectam o tempo histórico às histórias de criação ou mitos, evidenciando a relação de respeito mútuo entre seres humanos e seres não humanos. Esses seres, compreendidos como dotados de espírito, incluem não apenas os elementos naturais, como rios, lagos, mares e montanhas, mas também fenômenos geográficos e atmosféricos, como o vento, reafirmando a interdependência e a sacralidade na relação com o mundo natural.

Finalmente, como explica Le Goff (1990), a memória é um componente central na construção da identidade, tanto individual como coletiva, e permite nos aproximar dos relatos que ecoam as significações, as emoções e as lembranças históricas dos povos. No entanto, acolher as memórias desde as escolas e desde os territórios se transforma também numa atividade de disputa pelo poder: “São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição” (Le Goff, 1990, p. 410).

Para finalizar esta resenha, são mostrados os principais materiais que foram sugeridos para trabalhar desde as escolas (quadro 1) e com os territórios (quadro 2).

Quadro 1 – Materiais utilizados no trabalho com as escolas

| Tipo de material | Participação indígena ou aproximação aos indígenas? | Nomes das autorias | Nome do material | Caraterísticas |
|------------------|-----------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|
|------------------|-----------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|

|          |              |                   |                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------|--------------|-------------------|---------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Vídeo    | Aproximação  | Nenhum específico | “Menos preconceito, mais índio”, do Instituto Socioambiental (ISA) (2017) | Problematizar os estereótipos mais comuns sobre os indígenas, como os levantados por Bessa Freire, com a sugestão de que quaisquer povos e culturas se modificam nos contatos e interações que processam e nem por isso perdem suas identidades                                                   |
| Vídeo    | Participação | Rapper Katú Miri  | “Quem são os pardos no Brasil?” (2019)                                    | Entrevista da rapper Katú Mirim, sobre seu processo particular de reconhecimento identitário                                                                                                                                                                                                      |
| Leitura  | Participação | Denilson Baniwa   | Poema sobre o dia 19 de abril (2018)                                      | Se explora criticamente o "Dia do Índio" no Brasil, abordando como as representações escolares podem reforçar estereótipos sobre os povos indígenas.                                                                                                                                              |
| Leitura  | Aproximação  | Nenhum específico | "Muita terra para pouco índio?"                                           | Aborda o equívoco no argumento de que a população indígena ocupa áreas excessivamente extensas no Brasil                                                                                                                                                                                          |
| Vídeo    | Aproximação  | Nenhum específico | "Guerras do Brasil.Doc" (2019)                                            | Em cinco episódios, apresenta distintos pontos de vista sobre os principais conflitos armados da história do Brasil.                                                                                                                                                                              |
| Animação | Participação | Povo Guajajara    | Festa dos Encantados (2018)                                               | Animação produzida a partir de história contada por um guajajara.                                                                                                                                                                                                                                 |
| Animação | Aproximação  | Nenhum específico | Caminho dos gigantes (2016)                                               | A condução poética do relato remete a elementos das cosmovisões ameríndias, como o ritual coletivo que prepara a morte do mais velho, ou melhor, sua transformação em árvore.                                                                                                                     |
| Vídeo    | Participação | Povo Kaingang     | Konhun Mág – o caminho da volta à floresta de Canela (2021)               | Pessoas kaingang presentes no local contam sua memória sobre conflitos históricos e reivindicam seu direito originário e imprescritível ao território dadas as materialidades em cavernas e sítios arqueológicos que comprovam sua presença de longa data na FLONA (Floresta Nacional de Canela). |
| Podcast  | Participação | Povo Xingú        | Série de podcasts “Xingu: terra                                           | Produzido para celebrar os 60 anos do Parque Indígena do Xingu, explora a                                                                                                                                                                                                                         |

|          |              |                      |                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------|--------------|----------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|          |              |                      | marcada” (Rádio Batuta, 2021)                                                      | história e os desafios contemporâneos enfrentados pelos povos xinguanos                                                                                                                                                                                                       |
| Música   | Participação | Kunumi MC com Criolo | Rap "Demarcação Já – Terra Ar Mar" (2019)                                          | Se denuncia o sofrimento das comunidades indígenas causado pela violência, pela falta de demarcação das terras e pelas ameaças constantes de grileiros e fazendeiros.                                                                                                         |
| Leitura  | Participação | Povo Pataxó          | "Kijêtxawê Zabelê – Aldeia Kaí" (2019)                                             | Composto por três partes: narrativas de resistência e retomada da comunidade pataxó da Aldeia Kaí; uma história infantil criada a partir de oficinas e conversas na escola; e atividades que podem ser realizadas em sala de aula.                                            |
| Video    | Participação | Povo Baniwa          | A floresta-casa derrubada (a última maloca do fim do mundo) (2021)                 | Explora a floresta devastada e a milenar maloca deste povo. O efeito é de melancolia sobre o fim de tudo, possivelmente uma forma de expressar a correlação entre a causa indígena e a crise pandêmica.                                                                       |
| Animação | Participação | Povo Kalapalo        | "Kalapalo" (2016)                                                                  | criada por crianças de escola pública do Rio de Janeiro a partir de seu diálogo com povos indígenas – no caso indicado aqui, com o povo Kalapalo, que vive na região do Parque Nacional do Xingu.                                                                             |
| Animação | Participação | Povo Maxakali        | “Konãgxeka: o Dilúvio Maxakali” (2016)                                             | Aborda a convivência de espécies e a restauração das relações naturais.                                                                                                                                                                                                       |
| Leitura  | Participação | Eliane Potiguara     | Metade cara, metade máscara (2004)                                                 | Obra autobiográfica que aborda o impacto da colonização nas vidas dos povos indígenas no Brasil.                                                                                                                                                                              |
| Leitura  | Participação | Graça Graúna         | "Flor da Mata" (2014) e "Contrapontos da literatura indígena contemporânea" (2013) | Enquanto na primeira explora-se o universo cultural indígena brasileiro por meio de haicais; no segundo, examina-se importância de uma literatura que resgata a memória e os valores ancestrais, questionando o papel da literatura como meio de afirmação étnica e cultural. |

|         |              |                      |                                                                              |                                                                                                                                                                                                     |
|---------|--------------|----------------------|------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Leitura | Participação | Sulami Katy          | "Meu lugar no mundo" (2018)                                                  | Descreve-se a experiência da autora ao ser enviada para São Paulo, espaço diferente de sua aldeia, com a missão de divulgar a cultura indígena.                                                     |
| Leitura | Participação | Márcia Wayna Kambeba | "Ay Kakyri Tama/Eu moro na cidade" (2013)                                    | Texto poético que mistura lirismo e resistência cultural através dos relatos das vivências indígenas no ambiente urbano.                                                                            |
| Leitura | Participação | Lia Minapoty         | "Com a noite veio o sono" (2011)                                             | Narrativa poética que aborda as memórias e as experiências do povo indígena, explorando temas como a natureza, o cotidiano e a ancestralidade.                                                      |
| Arte    | Participação | Arissana Pataxó      | Escultura "Mikay" (2009) e aquarela sobre papel Preparando para o awê (2006) | O nome dado à obra, conforme entrevista concedida pela artista, significa "pedra que corta" e representa o impacto colonial sobre a construção do que pode ser o indígena                           |
| Arte    | Participação | Carmézia Emiliano    | Quadro Indias na Montanha (2013)                                             | Ritos tradicionais são pintados em vários momentos de suas práticas, principalmente a relação de partilha das comidas tradicionais pelas mulheres, o cuidado, a alimentação do corpo e do espírito. |
| Arte    | Participação | Daiara Tukano        | Quadro Selva Mãe e Rio Menino (2018)                                         | Mural que retrata uma mãe-floresta segurando seu filho, o rio menino, simbolizando a relação intrínseca entre a natureza e os povos indígenas.                                                      |

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Quadro 2 – Materiais utilizados no trabalho com e desde os territórios

| Tipo de material | Participação indígena ou aproximação aos indígenas? | Nomes das autorias | Nome do material | Caraterísticas |
|------------------|-----------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|
|------------------|-----------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|

|                                                |              |                   |                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------------------------------|--------------|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Vídeo                                          | Aproximação  | Nenhum específico | “Menos preconceito, mais índio”, do Instituto Socioambiental (ISA) (2017)                            | Problematizar os estereótipos mais comuns sobre os indígenas, como os levantados por Bessa Freire, com a sugestão de que quaisquer povos e culturas se modificam nos contatos e interações que processam e nem por isso perdem suas identidades.                 |
| Mapas                                          | Participação | Povo K'yikatêjê   | 3 mapas da RIMM (identificação dos pontos de caça, dos pontos de pesca, e localização dos catanhais) | Elaborado para que os educandos pudessem conhecer a cultura do Povo Gavião K'yikatêjê, da comunidade Kôjakati, e aprender sobre ela, para que esses conhecimentos fossem passados de geração em geração, valorizando parentes e antepassados.                    |
| Diário                                         | Participação | Povo Xikrin       | “Diário de bordo”                                                                                    | O aluno podia relatar, em seu diário de bordo, as atividades do cotidiano, como uma pescaria, uma caçada, uma festa, incluindo informações como início da atividade, local, data, horário, duração do evento, entre outras. Era possível realizar dramatizações. |
| Brinquedos, jogos de luta, atirar flecha, etc. | Participação | Povo Xikrin       | Brinquedos indígenas                                                                                 | -                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Jogo de tabuleiro                              | Aproximação  | Nenhum específico | Jogo de tabuleiro com sementes e para múltiplos jogadores                                            | O objetivo do jogo é que a dupla chegue junta ao final e seja capaz de organizar a distribuição de sementes para a última tarefa.                                                                                                                                |
| Mapa                                           | Participação | Nenhum específico | Mapa localização e extensão das terras indígenas                                                     | Visualização das Terras Indígenas (TI) existentes.                                                                                                                                                                                                               |

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandê. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

*Organon*, Porto Alegre, v. 40, n. 79, set 2024/mar. 2025.

DOI: 10.22456/2238-8915.143963

BANIWA, Denilson. “Um celular ou um laptop não te tornam menos indígena”. [Entrevista concedida a] Camila Gonzatto. *Contemporary And América Latina*, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/a-cell-phone-or-a-laptopdont-make-you-less-indigenous-denilson-baniwa> Acesso em: 14 out. 2024

BANIWA, Gersem Luciano dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. V. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Saberes da floresta*. São Paulo: Jandaíra, 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBERATO, Ana; BRITO, Austria; DA COSTA, Lucivaldo. *Vitalizações das línguas e criações indígenas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Edições MEC/Unesco, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. Contextualizaciones latinoamericanas. *Guadalajara*, v. 2, n. 5, p. 1-33, jul./dez. 2015.

RIBAS, Nilseia Lapresa. *Jogos de tabuleiros movimentando a escola*. 2019. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Pedagogia – Licenciatura, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/206855>. Acesso em: 01 abr. 2022.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

Texto submetido em: 12 nov. 2024

Aceito para publicação em: 30 jan. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.143963>